

# MOSTEIRO DA BATALHA

40 CURIOSIDADES SOBRE O MONUMENTO



40 CURIOSIDADES SOBRE O MONUMENTO



O MOSTEIRO DA BATALHA EXPLICADO AOS MAIS JOVENS



Rui Borges Cunha



# Um Mosteiro

*que testemunha a independência  
de Portugal*

Autor:

Rui Borges Cunha

Ilustrações:

Luís Taklim

Conceito gráfico e cor:

Anyforms design

Revisão científica:

Joaquim Ruivo e Pedro Redol

Revisão ortográfica:

Jorge Pereira

Impressão:

Gráfica Almondina Progresso e Vida:  
Empresa Tipográfica e Jornalística, Lda

ISBN: 978 989 208444

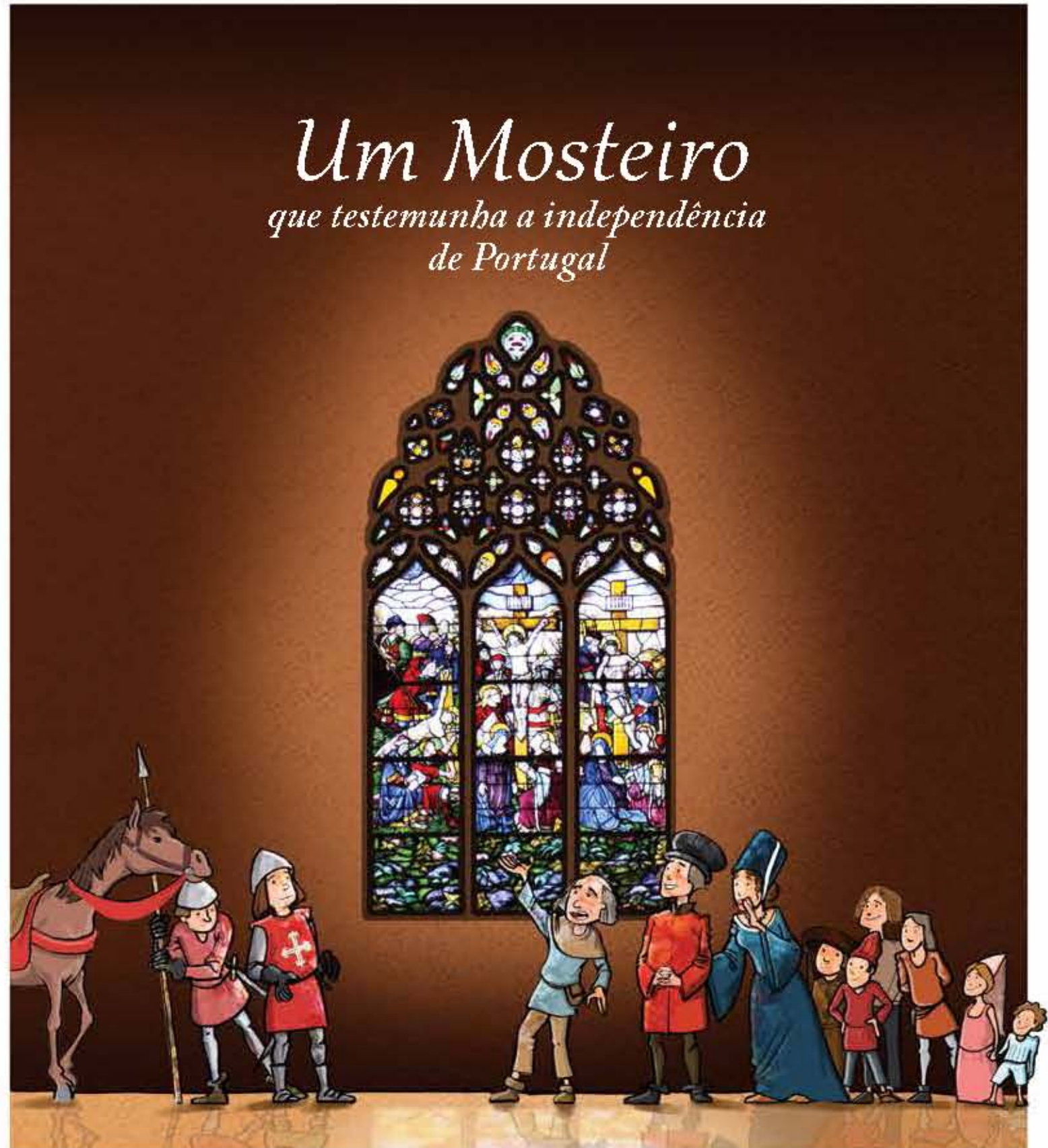
Depósito Legal:

1ª Edição Maio, 2018

Contacte o autor através do email:

[ruborgescunhaemail@gmail.com](mailto:ruborgescunhaemail@gmail.com)

Todos os direitos reservados.





### *Porque razão foi construído o Mosteiro da Batalha?*

Este monumento único deve a sua construção ao cumprimento de uma promessa do rei D. João I para agradecer a vitória na Batalha de Aljubarrota, ou Batalha Real, que se travou a 14 de agosto de 1385. A batalha ocorreu no planalto de São Jorge, em Porto de Mós – ainda que inicialmente estivesse para decorrer num local muito próximo daquele em que se encontra construído o Mosteiro – e opôs as tropas portuguesas às castelhanas. A Batalha de Aljubarrota garantiu o trono e a governação a D. João I e a independência de Portugal como nação soberana.



### *A escolha do local para a construção do monumento*

A escolha do local para a edificação do monumento, nos terrenos que até então pertenciam à chamada Quinta do Pinhal, com uma área aproximada a 14 campos de futebol, ficou a dever-se a diversos fatores. O mais importante terá sido a abundância de água que o local oferecia, essencial aos trabalhos que uma obra desta natureza exigia, mas também o facto de os terrenos serem planos, sem grandes declives e ainda a existência de pinhais que ofereceriam a madeira necessária à obra. Também terá pesado favoravelmente nesta escolha, a proximidade das pedreiras de onde foi extraído o calcário utilizado nesta gigantesca construção.



### *Onde se localizam as pedreiras que forneceram a pedra para a obra?*

As pedreiras de Valinho do Rei e Pidiogo – de onde durante anos foi extraída de forma exclusiva a pedra utilizada na construção da obra – situam-se na Freguesia de Reguengo do Fetal, a cerca de 6Km do monumento. Ainda hoje são visíveis as marcas do desmantelamento dos grandes blocos de pedra que eram carregados por carros de tração animal até ao estaleiro da obra. O processo de transporte dos grandes blocos de calcário era difícil e demorado, atendendo ao forte desnível que se verifica entre as pedreiras e o local de construção do Mosteiro.

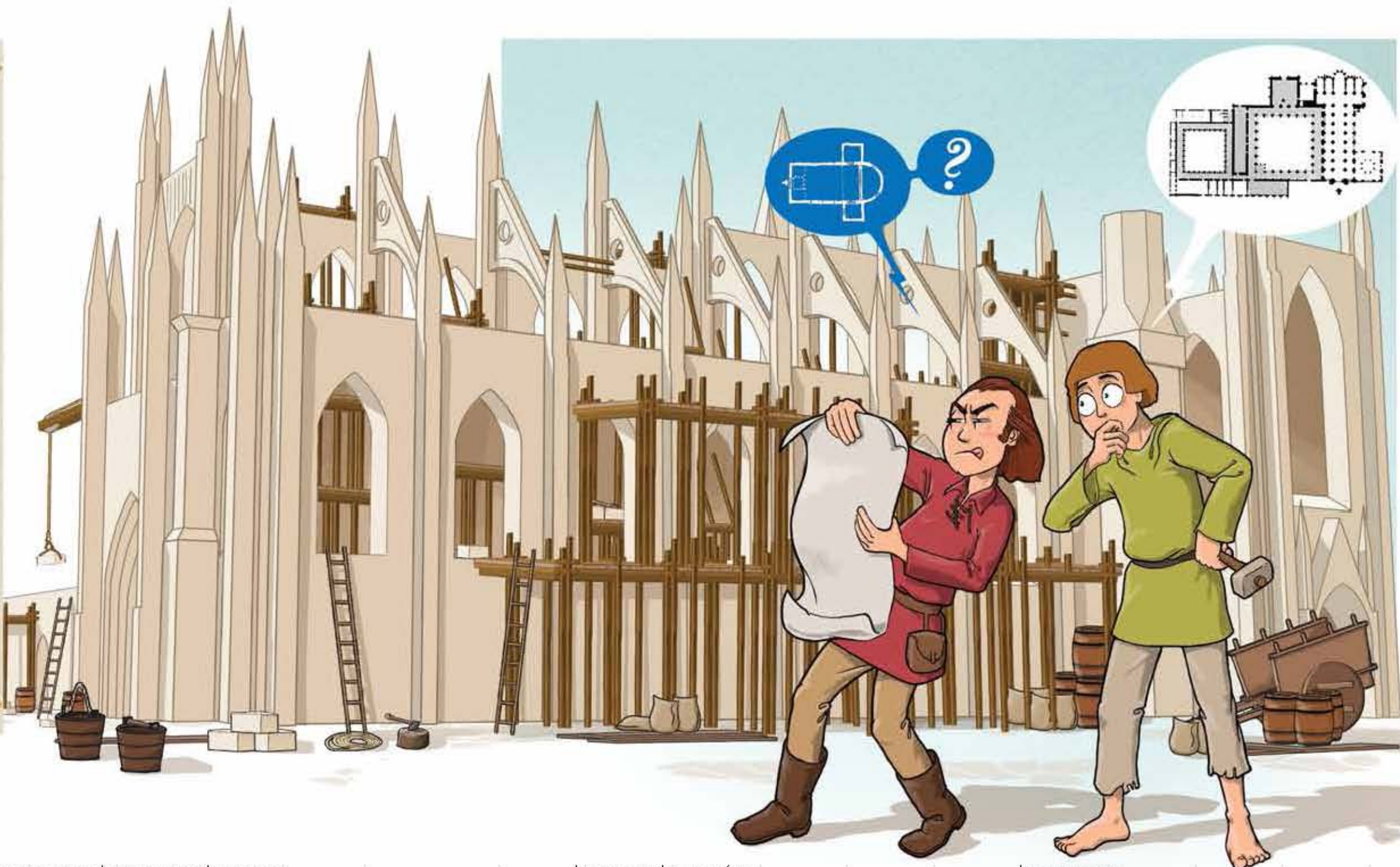






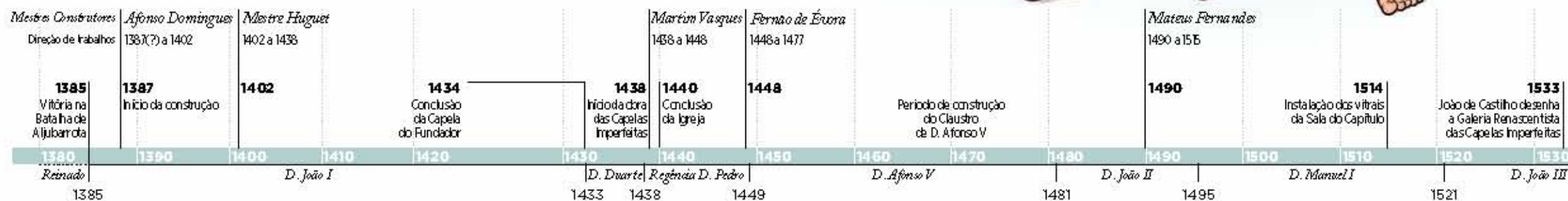
### Por que se chama Mosteiro de Santa Maria da Vitória?

A forte devoção do rei D. João I à Virgem Maria e o simbolismo divino associado à vitória dos portugueses nesta batalha motivou a escolha de Santa Maria da Vitória para designar o edifício. Com esta decisão, o rei pretendeu afirmar-se profundamente crente e agradecido à força suprema de Deus, razão pela qual ordenou a construção de uma igreja de grandes dimensões "a maior que até então se tivesse construído em toda a Hispania".



### Quantos anos demorou a construção do mosteiro?

É difícil estabelecer com rigor o período de construção do monumento, mas assume-se que se terá prolongado por mais de 150 anos, atendendo à dimensão da obra propriamente dita, constituída por diversos edifícios, que incorporaram vários estilos arquitetónicos em diferentes espaços. O Mosteiro da Batalha foi a obra mais importante de todo o país entre o século XIV e os primeiros anos do século XVI e a que envolveu maiores recursos humanos e materiais.





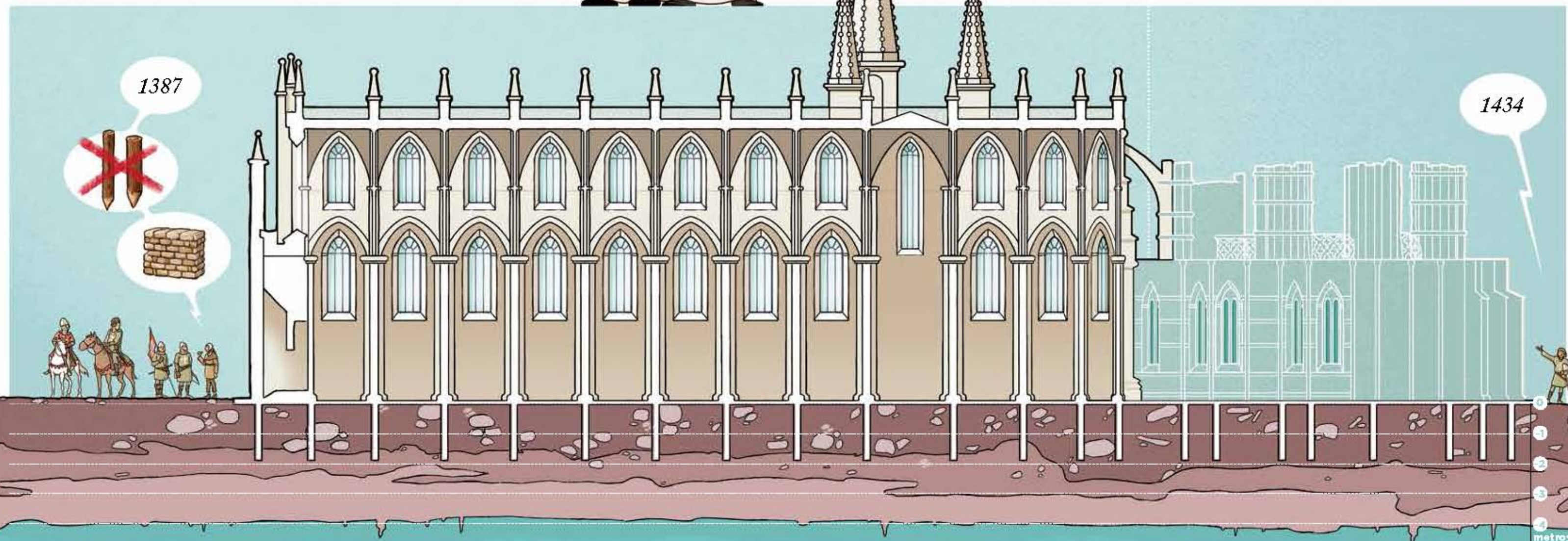
## Os Frades Dominicanos de Santa Maria da Vitória

A ordem dos Dominicanos foi criada em 1217. Em Portugal, instalaram-se inicialmente na Serra de Montejunto, nas proximidades de Lisboa. Estes religiosos realizavam votos de pobreza, de castidade e de obediência, vivendo em comunidades a que se dava o nome de conventos. Em rigor, o Mosteiro da Batalha deveria chamar-se Convento de Santa Maria da Vitória e não, Mosteiro (nome pelo qual é designado o espaço que acolhe os monges, como acontecia em Alcobaça com os Monges de Cister). As populações tinham grande apreço pelos Dominicanos, apesar de viverem isolados. A chegada dos Frades Dominicanos à Batalha ocorreu em 1388, ou seja, logo no início da construção do monumento. Em 1426 o Mosteiro acolhia 30 destes religiosos e em 1522, esse número era de 43.



## O monumento está suportado por estacas de madeira?

É bastante comum ouvir-se que os pilares que suportam o Mosteiro da Batalha são de madeira. Uma investigação muito recente, que juntou investigadores de diversas universidades portuguesas, confirmou o que já se sabia: que não há qualquer estacaria e que por baixo do piso existem estruturas tumulares bastante antigas. Na mesma investigação, ficou também demonstrada a existência de água entre os 4 e os 4,3 metros de profundidade e rocha firme entre 5 a 6 metros.





# Espaços e medidas impressionantes



Afonso Domingues  
1387

*Uma Igreja imponente, com medidas nunca antes vistas*

Com o altar orientado a nascente e o portal a poente, a Igreja é constituída por três naves que formam uma cruz latina. Este local de oração, cujo projeto foi concebido por Afonso Domingues, em 1387, revestiu-se de forte simbolismo religioso. Encontram-se aqui neste espaço alguns dos vitrais mais impressionantes do monumento, com destaque para os da capela-mor que são originais e datam de 1514 e 1531.

80 metros de comprimento

32,5 metros de altura

*Uma capela construída como espaço de repouso eterno*

A Capela do Fundador foi o local escolhido por D. João I para ser sepultado, juntamente com a sua esposa, D. Filipa de Lancastre, num projeto da autoria de Huguet e que não estava previsto na primeira fase de construção do edifício. Este é um espaço de grande simbolismo, razão pela qual é chamado de panteão, que significa lugar de repouso eterno. Encontram-se aqui sepultadas algumas das grandes figuras da chamada Íncita Geração. Na parede sul, o Infante D. Pedro e a sua mulher, Isabel de Urgel, D. Henrique, o Navegador, o Infante D. João e a sua esposa, D. Isabel, e D. Fernando. No séc. XX foram instalados também neste espaço, por ordem do Rei D. Carlos I, mais três túmulos, estando neles sepultados o rei D. Afonso V, o rei D. João II e o príncipe herdeiro D. Afonso.



Vista superior do túmulo de D. João I e de D. Filipa de Lancastre

Huguet  
1433 a 1434

22 metros de largura

*O portal da glória: testemunha do génio criador do Homem*

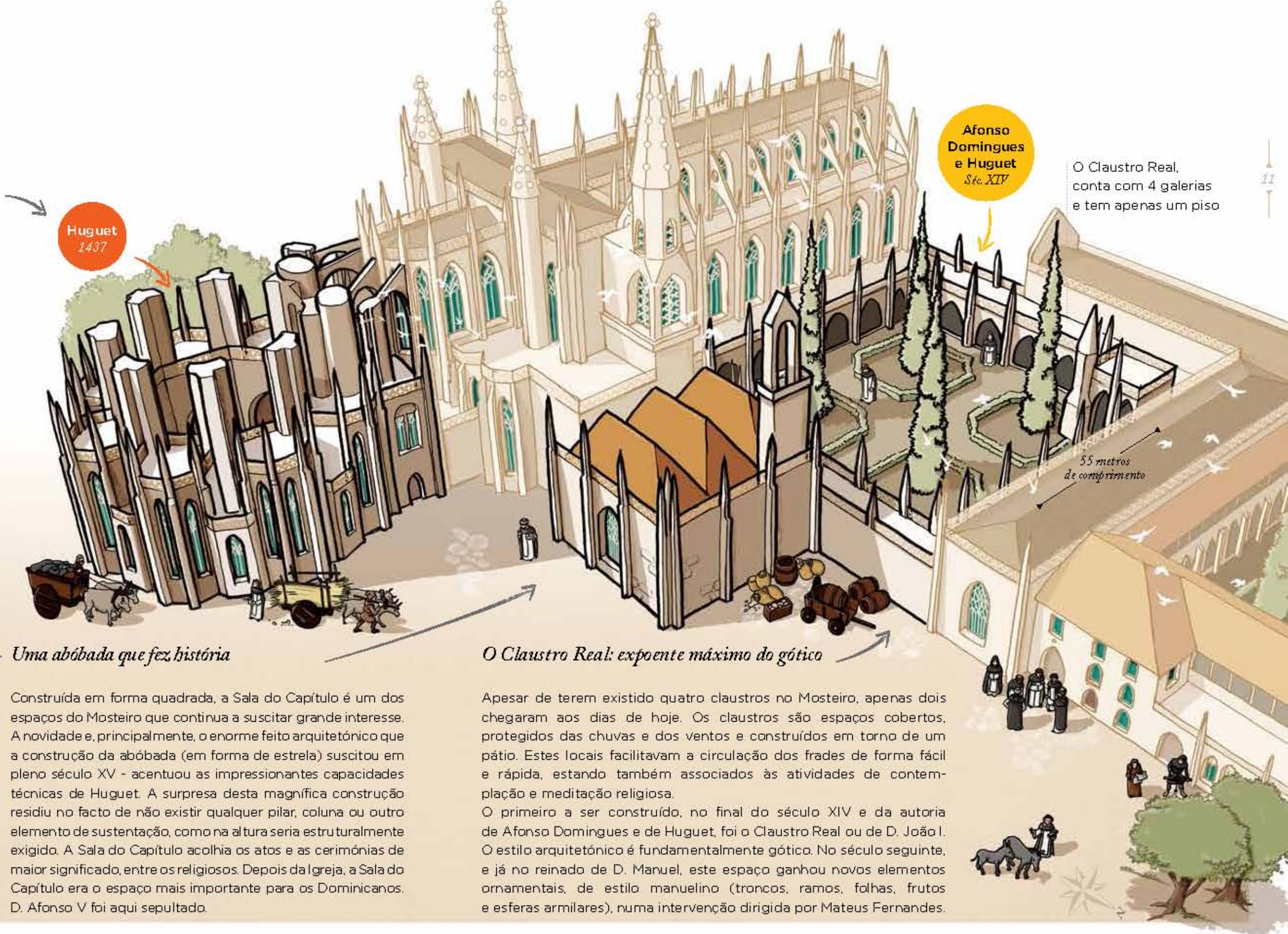
É um dos espaços de todo o Mosteiro que mais impressiona. O portal da glória representa a capacidade criativa, o génio e a perícia dos mestres que conceberam o monumento. Por esta razão, e referindo-se ao simbolismo e à beleza deste elemento arquitetónico, o historiador Vergílio Correia apelidou-o de "Pórtico da Glória". Da autoria de Huguet, o portal é constituído por seis arquivoltas que simbolizam a passagem dos Homens para o mundo sagrado e para a vida eterna. O conjunto representa o Reino dos Céus, com destaque, ao centro, para a figura de Cristo que ampara com a mão esquerda o globo terrestre. No total, são 78 figuras esculpidas na pedra que, à medida que se aproximam do centro, ganham importância na hierarquia da Igreja.



## As Capelas Imperfeitas: demonstraco da capacidade criativa dos Homens

A construo das Capelas Imperfeitas, ou inacabadas, ocorreu cerca de 50 anos após o início das obras do Mosteiro, por iniciativa de D. Duarte, que desejava ser sepultado naquele local com a sua esposa, D. Leonor de Aragão.

As Capelas assentam a sua forma num octógono (com oito ângulos) e têm instaladas sete capelas ligadas entre si por um espaço mais pequeno que servia de sacristia, num projeto da autoria de Huguet. O oitavo lado recebe o impressionante portal manuelino, com 15 metros de altura e quase 8 metros de largura, uma interveno majestosa realizada sob a direo de Mateus Fernandes, em finais do século XV, no reinado de D. Manuel. Neste portal de beleza única, encontramos diversos elementos decorativos, tais como ramos de flores e plantas, troncos, folhas, mas também animais, como caracóis. Alguns historiadores defendem que esta construo apresenta influências da arte rabe, ou mudjar, muito presente na Andaluzia (Espanha).



Huguet  
1437

Afonso Domingues  
e Huguet  
Sc. XIV

O Claustro Real,  
conta com 4 galerias  
e tem apenas um piso

55 metros  
de comprimento

### Uma abóbada que fez história

Construída em forma quadrada, a Sala do Capítulo  um dos espaços do Mosteiro que continua a suscitar grande interesse. A novidade e, principalmente, o enorme feito arquitetnico que a construo da abóbada (em forma de estrela) suscitou em pleno século XV - acentuou as impressionantes capacidades técnicas de Huguet. A surpresa desta magnifica construo residiu no facto de não existir qualquer pilar, coluna ou outro elemento de sustentaco, como na altura seria estruturalmente exigido. A Sala do Capítulo acolhia os atos e as cerimnias de maior significado, entre os religiosos. Depois da Igreja, a Sala do Capítulo era o espaço mais importante para os Dominicanos. D. Afonso V foi aqui sepultado.

### O Claustro Real: expoente máximo do gótico

Apesar de terem existido quatro claustros no Mosteiro, apenas dois chegaram aos dias de hoje. Os claustros são espaços cobertos, protegidos das chuvas e dos ventos e construídos em torno de um pátio. Estes locais facilitavam a circulao dos frades de forma fácil e rápida, estando também associados às atividades de contemplao e meditao religiosa.

O primeiro a ser construído, no final do século XIV e da autoria de Afonso Domingues e de Huguet, foi o Claustro Real ou de D. João I. O estilo arquitetnico  fundamentalmente gótico. No século seguinte, e já no reinado de D. Manuel, este espaço ganhou novos elementos ornamentais, de estilo manuelino (troncos, ramos, folhas, frutos e esferas armilares), numa interveno dirigida por Mateus Fernandes.





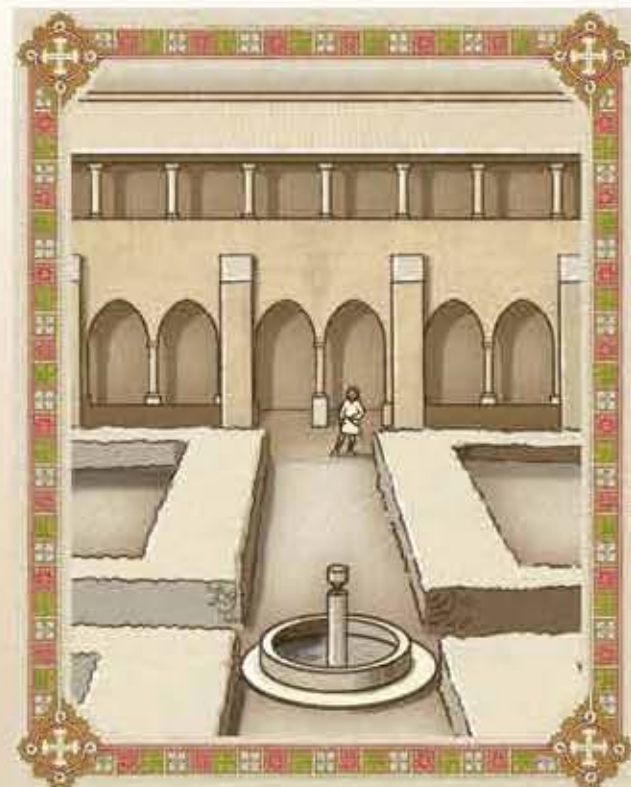
## O Claustro de D. Afonso V: simplicidade austera

Antes da saída do Mosteiro localiza-se o Claustro de D. Afonso V que apresenta a particularidade de ter sido um dos primeiros em Portugal com dois pisos. Foi construído na segunda metade do século XV, sob a direção de Martim Vasques e de Fernão de Évora. Concentravam-se aqui vários espaços de utilização quotidiana, com destaque para a cozinha, a despensa, os armazéns da lenha e do azeite, o lagar do vinho e as latrinas - as casas de banho primitivas do monumento. No piso superior existiam os dormitórios, a livraria, o cartório e outras latrinas.

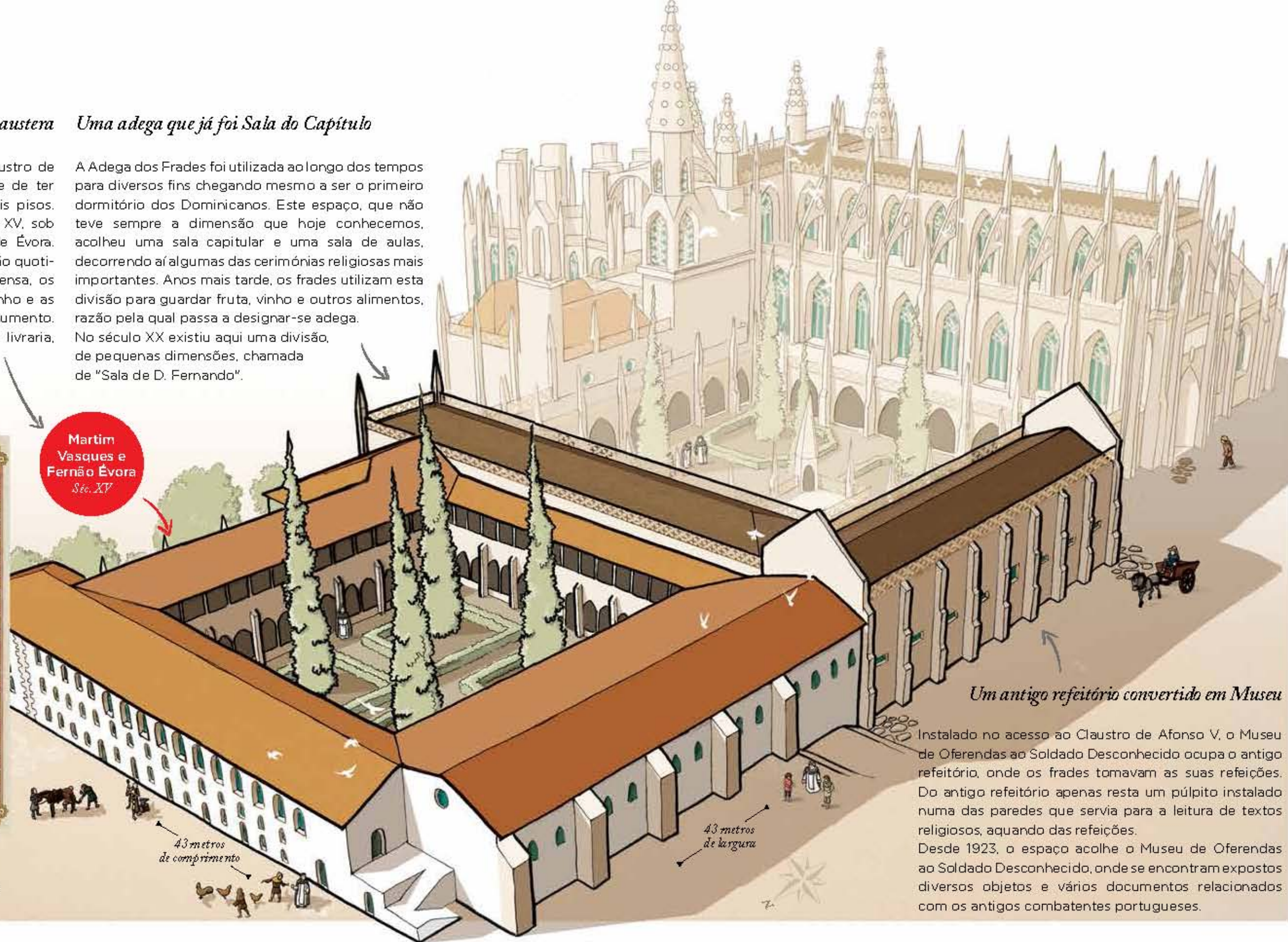
## Uma adega que já foi Sala do Capítulo

A Adega dos Frades foi utilizada ao longo dos tempos para diversos fins chegando mesmo a ser o primeiro dormitório dos Dominicanos. Este espaço, que não teve sempre a dimensão que hoje conhecemos, acolheu uma sala capitular e uma sala de aulas, decorrendo aí algumas das cerimónias religiosas mais importantes. Anos mais tarde, os frades utilizam esta divisão para guardar fruta, vinho e outros alimentos, razão pela qual passa a designar-se adega. No século XX existiu aqui uma divisão, de pequenas dimensões, chamada de "Sala de D. Fernando".

Martim Vasques e Fernão Évora  
Séc. XV



De dimensões mais reduzidas do que o Claustro Real, este é um local de grande simplicidade e sem motivos arquitetónicos de destaque, numa associação ao modo de vida simples e austero da ordem Dominicana.



## Um antigo refectório convertido em Museu

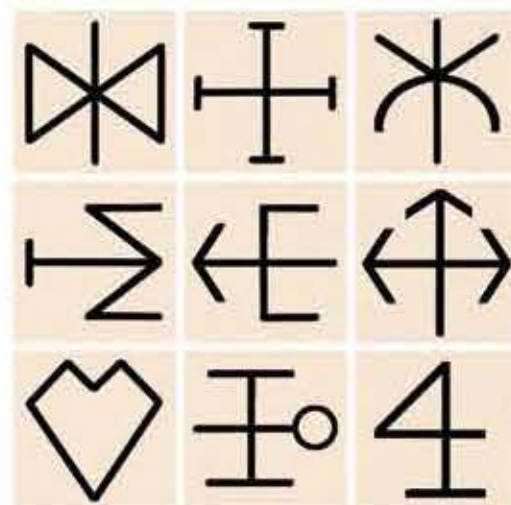
Instalado no acesso ao Claustro de Afonso V, o Museu de Oferendas ao Soldado Desconhecido ocupa o antigo refectório, onde os frades tomavam as suas refeições. Do antigo refectório apenas resta um púlpito instalado numa das paredes que servia para a leitura de textos religiosos, aquando das refeições. Desde 1923, o espaço acolhe o Museu de Oferendas ao Soldado Desconhecido, onde se encontram expostos diversos objetos e vários documentos relacionados com os antigos combatentes portugueses.



# Um monumento singular

## 14 Quase mil marcas únicas esculpidas

Também conhecidas por siglas, as marcas dos canteiros encontram-se esculpidas na maioria das pedras do monumento. Existem dúvidas acerca da razão principal para a gravação destes símbolos. Há quem defenda que serviam para quantificar o trabalho dos antigos canteiros, utilizadas para "medir" a sua produtividade. Outros acreditam que os símbolos passavam de pai para filho, como forma de perpetuar no tempo uma espécie de marca de família... São apenas hipóteses. Certo, certo é que estão contabilizadas mais de 880 diferentes marcas gravadas em todo o monumento nestas pedras seculares.



## 15 Os grafitos: desenhos enigmáticos e inspiradores

A pintura de grafitos (*graffiti*) em monumentose edifícios religiosos é muito comum, quer em Portugal, quer no estrangeiro. No Mosteiro da Batalha encontramos nas paredes interiores algumas dezenas destas enigmáticas figuras, representando diversos motivos, aparentemente, sem nenhum significado religioso. Anjos, escudos reais, cegonhas e barcos são alguns *graffitis* que podemos observar nas paredes do Claustro Real, na Sala do Capítulo, na Adega dos Frades e também no Claustro de D. Afonso V.

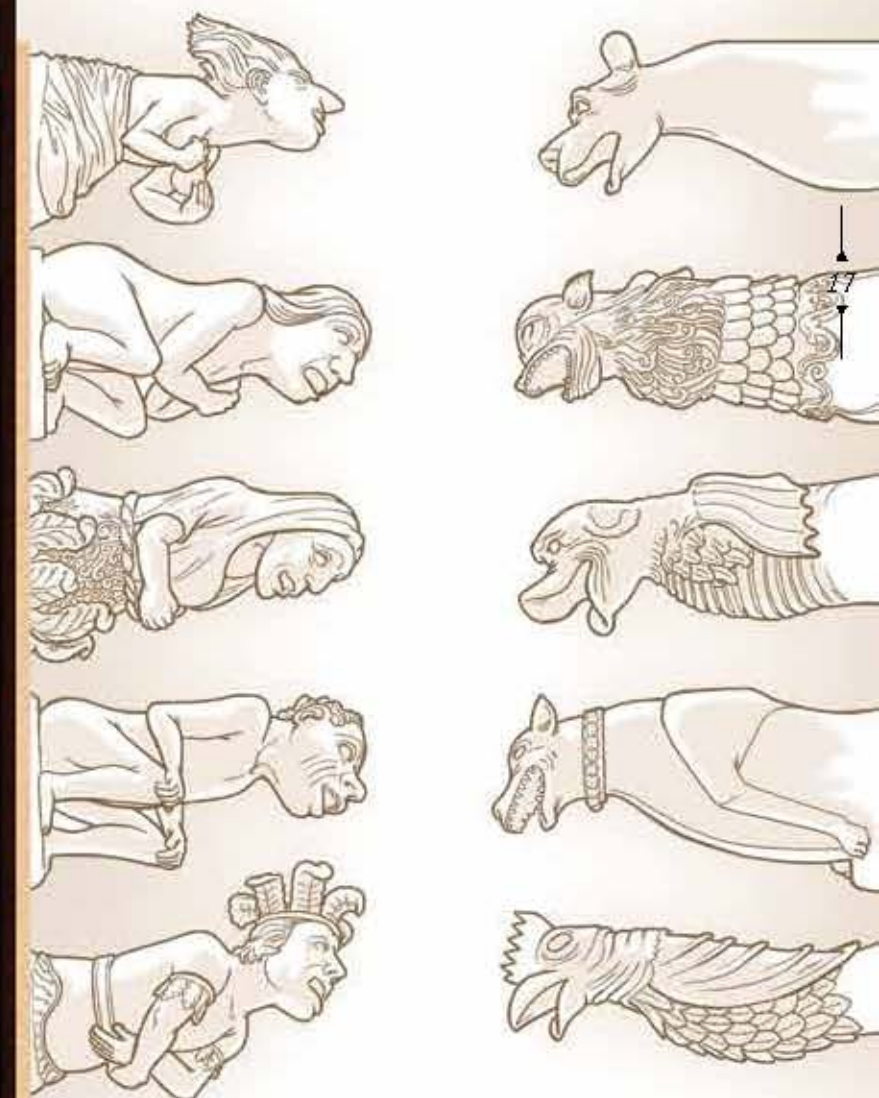
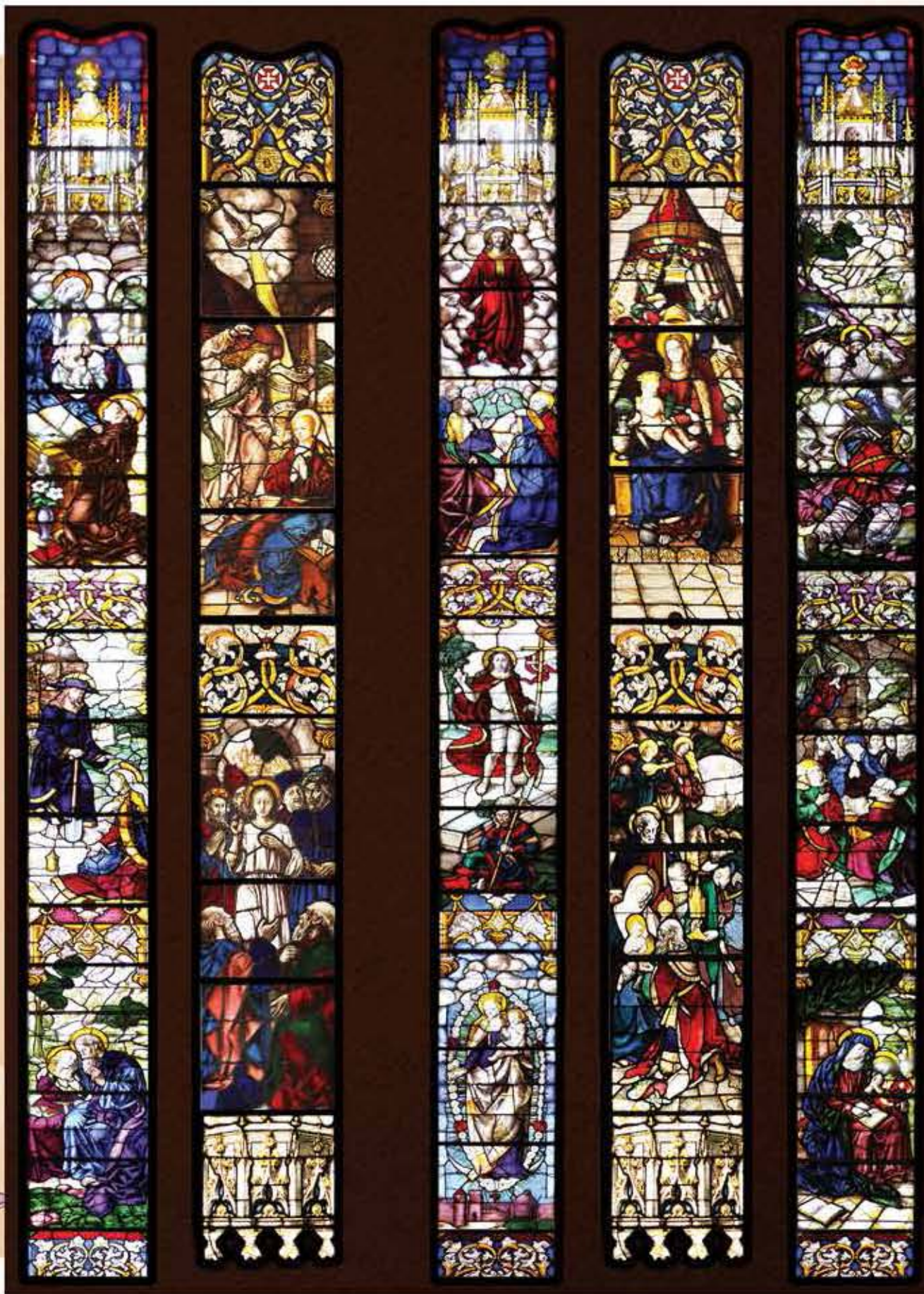




## Vitrais únicos que irradiam cor, luz e simbolismo

A utilização de vitrais em Portugal ocorreu pela primeira vez no Mosteiro da Batalha, em meados do século XV, com a chegada à obra de Luís Alemão, oriundo da Alemanha. O Mosteiro foi o principal centro vitralista da Europa nos finais do século XV e inícios do século XVI, atendendo à dimensão da obra e à complexidade das imagens reproduzidas.

A maioria dos vitrais do Mosteiro perdeu-se devido ao terramoto de 1755 e ao abandono do edifício após a extinção das ordens religiosas masculinas, em 1834. Contudo, ainda hoje é possível observar na Capela-Mor e na Sala do Capítulo a beleza única, plena de luz e cor, dos vitrais originais de 1514, com imagens sobre a Paixão de Cristo e do rei D. Manuel e de sua esposa, D. Maria de Castela.



### *Gárgulas assustadoras que protegem fielmente o monumento*

Esculpidas em pedra, em forma de animal ou representando figuras grotescas e assustadoras, as gárgulas escoam para o exterior do edifício as águas das chuvas que os telhados e os terraços recebem. Através de uma complexa ação, que obriga a água a circular vários metros até ser projetada para o exterior, evitam-se as infiltrações nas estruturas principais do edifício, como os alicerces e as fundações.

No Mosteiro da Batalha existem cerca de 200 gárgulas que, para além de protegerem o edifício, apresentam forte simbolismo relacionado com o pensamento religioso e moral da época medieval.



## O gótico, expressão máxima da perfeição em busca da luz

Também conhecido como "a arte das catedrais", o estilo gótico surgiu em França, no século XII, sucedendo ao estilo românico. A arquitetura gótica transformou a forma de construir os edifícios, superando os métodos e as técnicas construtivas então utilizadas. O estilo gótico caracteriza-se por construções sustentadas em altura, por elegantes arcobotantes e com abóbadas mais estáveis e janelas de grandes dimensões, para maior entrada de luz no seu interior. Em Portugal este estilo surgiu com maior expressão a partir do século XIII e é adotado em definitivo, na construção do Mosteiro da Batalha, sendo o monumento português e talvez de toda a Península Ibérica, mais representativo deste estilo.

## A introdução do manuelino em Portugal

A introdução do manuelino surgiu durante o reinado de D. Manuel I e desenvolveu-se após a sua morte. A característica dominante do manuelino assenta na intensidade das formas, através de interpretações da natureza associadas a símbolos de poder dos reis. Foi no Mosteiro da Batalha que o manuelino foi iniciado em Portugal, nas bandeiras das arcadas do Claustro de D. João I e nas Capelas Imperfeitas. O pórtico de entrada das Capelas Imperfeitas é, talvez, o expoente máximo do manuelino, ao exibir formas e elementos decorativos relacionados com símbolos marítimos e vegetais, mas também esferas armilares, flores de lótus, entre muitos outros motivos vegetalistas.



## Santa Maria-a-Velha: a primeira Igreja dos Dominicanos

A Igreja de Santa Maria-a-Velha serviu a prática religiosa dos Frades Dominicanos ao longo dos 50 anos que a Igreja do Mosteiro demorou a construir. O que restava do edifício original, localizado no atual Largo do Infante D. Henrique foi demolido nos anos 60 do século XX. Também chamada de Capela de Nossa Senhora da Vitória, o edifício apresentava linhas simples e sem grandes detalhes arquitetónicos. Da memória deste antigo templo restam alguns fragmentos, expostos no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, e uma pedra, situada no referido largo, que contém inscrições antigas que assinalam a existência desta antiga igreja. Estão ali sepultados alguns dos grandes mestres do Mosteiro, como Boitaca e Huguet.





## Símbolos e marcas que os reis quiseram perpetuar

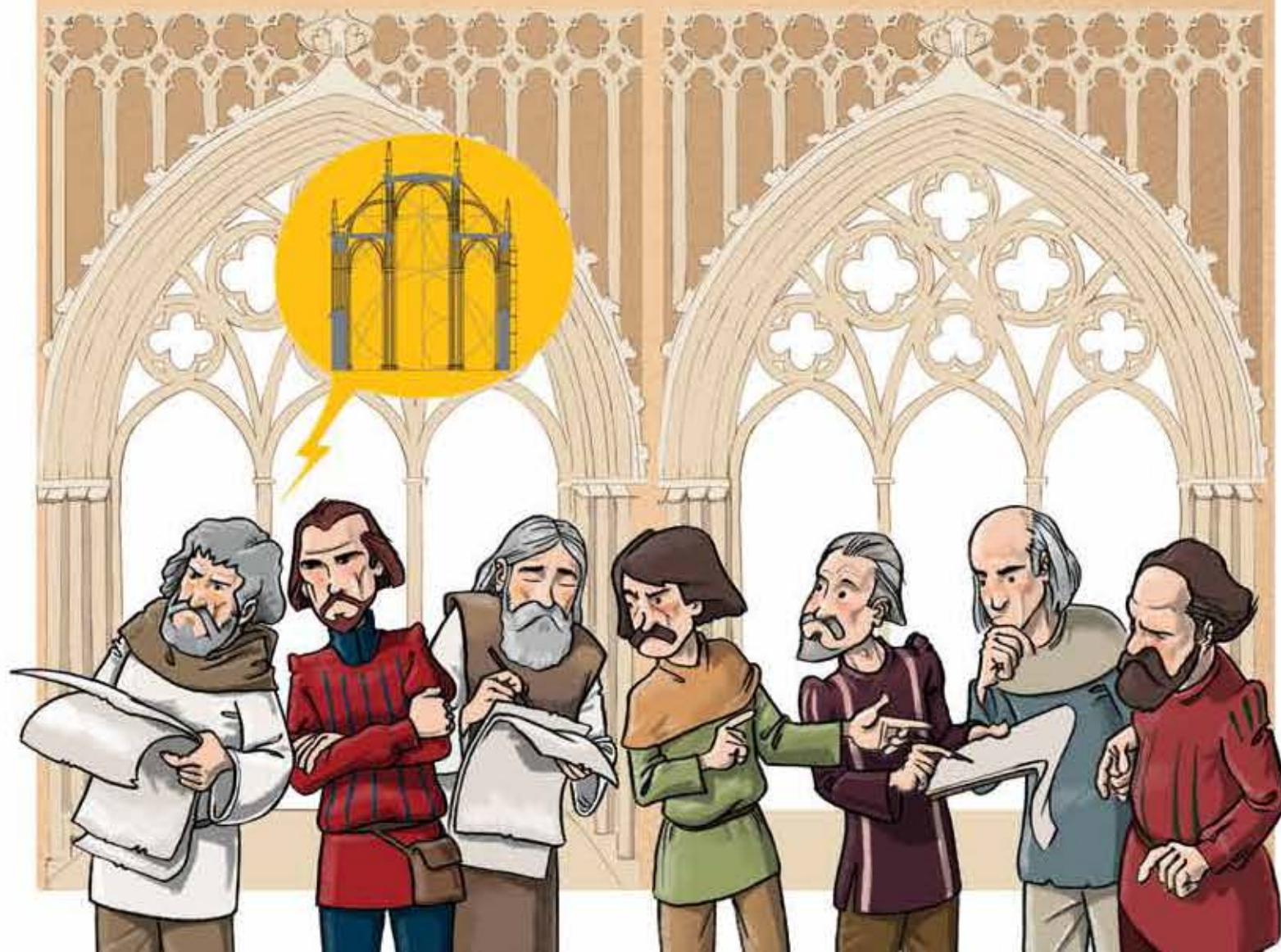
Nos túmulos existentes na Capela do Fundador encontram-se esculpidos os símbolos e as divisas - também conhecidas por empresas - que serviam para exprimir, de forma simbólica, ideias ou pensamentos, normas de conduta e as aspirações de vida dos reis e dos seus herdeiros. A utilização destes símbolos ganhou grande expressão com a Dinastia de Avis, podendo ser observados, ainda em perfeito estado, nos túmulos da Capela do Fundador e no portal das Capelas Imperfeitas.



\*Esta divisa não se encontra esculpida no Mosteiro da Batalha

## Grandes arquitetos que idealizaram uma obra única

A edificação de um monumento com a dimensão e a complexidade do Mosteiro da Batalha deveu-se a arquitetos com grandes qualidades técnicas, que ao longo dos anos dirigiram e planificaram as obras. A construção do monumento foi executada em 7 grandes períodos, entre 1388 e 1493. Ao longo de mais de 100 anos, o país viu ser construído um edifício único e imponente, com a introdução de algumas técnicas construtivas pioneiras da Idade Média, apenas possível devido à genialidade e ao saber de mestres-de-obras e dos seguintes arquitetos: Afonso Domingues, Huguet, Martin Vasques, Fernão de Évora, Mateus Fernandes, João Rodrigues e João de Arruda.





### A lenda sobre uma abóbada que afinal não caiu

Alexandre Herculano, um grande escritor e historiador português do século XIX, tornou célebre uma lenda muito conhecida, cujo primeiro registo data de 1623 e que circulava entre os frades sobre a abóbada da Sala do Capítulo, cuja construção se iniciou ainda antes de 1402, com o Mestre Afonso Domingues. O escritor quis evidenciar a grande proeza arquitetónica que constituiu, na época, a sustentação da abóbada sem quaisquer pilares ao centro. O feito foi atribuído até muito recentemente a Afonso Domingues que, segundo a lenda, se encontrava já cego aquando desta grande inovação e que terá querido morrer na Sala do Capítulo, provando que a abóbada não caía e que resistiria ao tempo. Ainda de acordo com a lenda, o grande arquiteto terá proferido estas palavras: "A Abóbada não caiu, a abóbada não cairá". Sabe-se hoje que a autoria do projeto foi, afinal, do Mestre Huguet.

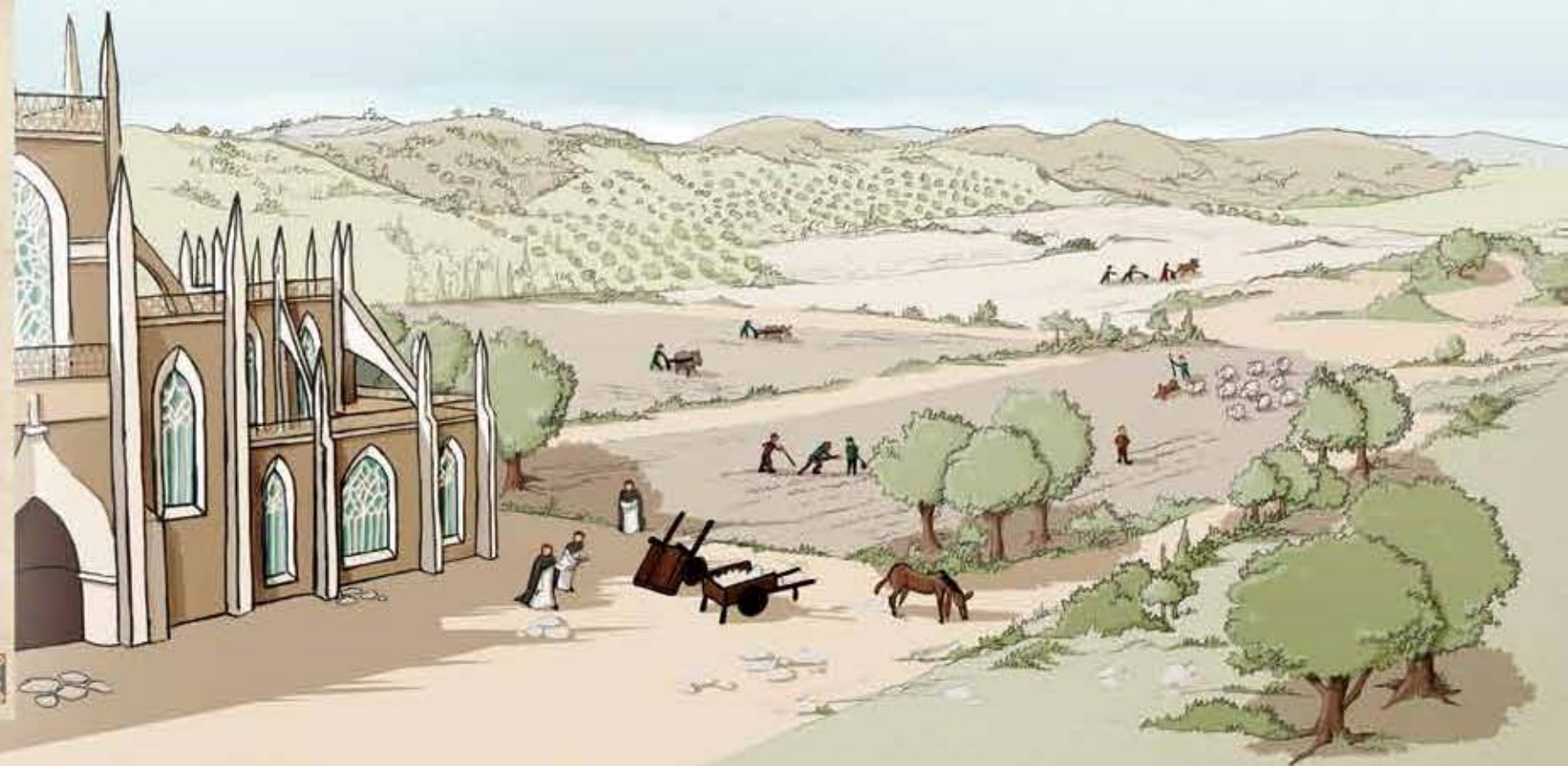


### A cerca que separava duas realidades distintas

Ainda hoje são visíveis algumas partes da antiga cerca conventual que circundava a propriedade do Mosteiro e que demarcava e dividia o espaço da vida conventual, do espaço laico. No interior da cerca corria uma ribeira (rio Lena) que garantia a água necessária às terras de cultivo, às vinhas, aos pomares e ao sustento dos frades. No rio Lena, os Dominicanos dedicavam-se à pesca. A antiga cerca conventual estendia-se para norte e para nascente, garantindo o acesso dos religiosos ao lagar de azeite e a uma azenha. Os terrenos de cultivo dos frades não se confinavam às propriedades localizadas no interior da cerca. A Quinta da Várzea, situada a cerca de 3 Km do monumento, era uma dessas propriedades, explorada pelos religiosos que ali possuíam uma capela.

### Um inovador (e complexo) sistema de abastecimento de água

O Mosteiro da Batalha é um dos monumentos portugueses mais inovadores quanto aos sistemas de captação e de transporte da água. De igual modo, e no que respeita ao escoamento das águas das chuvas, o monumento apresenta soluções muito inovadoras. Ao circuito de captação e de transporte de água chama-se sistema hidráulico. O acesso à água potável era (e continua a ser) condição fundamental de vida. A água utilizada para consumo dos frades era captada no lugar de Jardeira, a 1 Km do monumento, e transportada subterraneamente até ao Claustro Real. Daí, era distribuída para a cozinha e para outros espaços do edifício. Uma das marcas mais visíveis deste circuito ainda hoje é perceptível através do lavabo, também conhecido por fontanário, existente no Claustro Real, junto ao antigo refeitório.





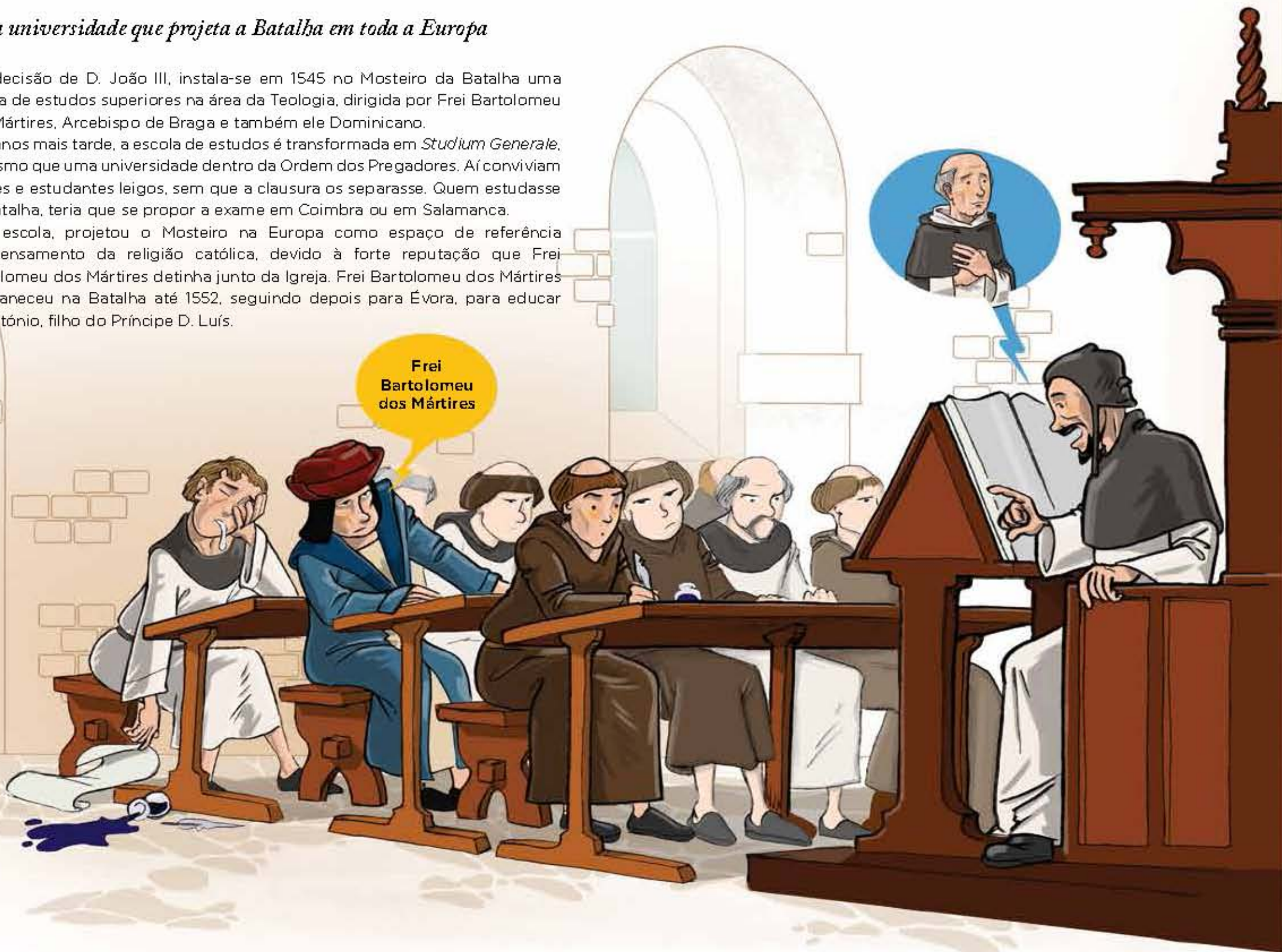
## Uma universidade que projeta a Batalha em toda a Europa

Por decisão de D. João III, instala-se em 1545 no Mosteiro da Batalha uma escola de estudos superiores na área da Teologia, dirigida por Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga e também ele Dominicano.

Seis anos mais tarde, a escola de estudos é transformada em *Studium Generale*, o mesmo que uma universidade dentro da Ordem dos Pregadores. Aí conviviam padres e estudantes leigos, sem que a clausura os separasse. Quem estudasse na Batalha, teria que se propor a exame em Coimbra ou em Salamanca.

Esta escola, projetou o Mosteiro na Europa como espaço de referência do pensamento da religião católica, devido à forte reputação que Frei Bartolomeu dos Mártires detinha junto da Igreja. Frei Bartolomeu dos Mártires permaneceu na Batalha até 1552, seguindo depois para Évora, para educar D. António, filho do Príncipe D. Luís.

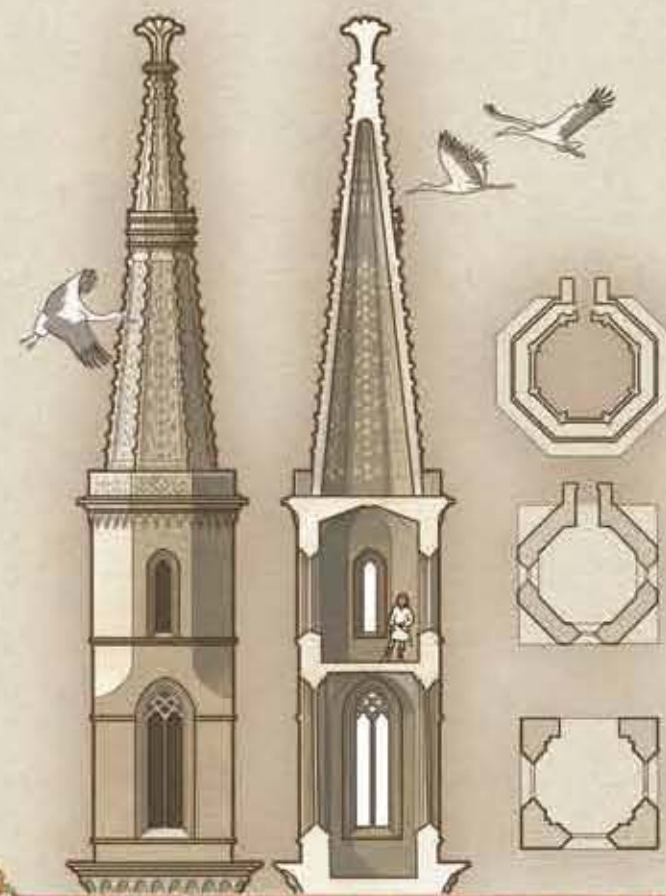
Frei  
Bartolomeu  
dos Mártires



## A Torre que ainda hoje serve à nidificação das cegonhas

A Torre do Relógio ou Torre da Cegonha foi construída na segunda metade do século XV e é uma das mais altas do país, ainda que o seu coruchéu tenha caído por duas vezes, com o terramoto de 1755 e com um raio originado por uma trovoadas, em 1816. No século XIX, o antigo relógio desta torre foi substituído por um mecanismo mais moderno, datado de 1889 e que ainda se encontra instalado. Por questões de segurança, os sinos originais foram removidos.

O mecanismo do relógio original existente na Torre da Cegonha, da segunda metade do século XV, está exposto no segundo piso do Claustro de Afonso V. A associação desta torre às cegonhas é explicada devido ao facto de estas aves nidificarem nesta estrutura de grandes dimensões.





# Personagens únicas e acontecimentos marcantes

## O irlandês a quem se deve o primeiro desenho técnico do Mosteiro

Foi James Murphy, um irlandês com grandes capacidades ligadas ao desenho e à arquitetura, quem executou o primeiro desenho técnico do Mosteiro. James Murphy chegou a Portugal através da cidade do Porto e sabe-se que a viagem até à Batalha demorou 7 longos dias. Depois de ter chegado ao monumento, em 1788, por aqui permaneceu quase 4 meses, que utilizou para realizar os complexos trabalhos de levantamento das medidas do edifício e dezenas de desenhos, acrescentado nalguns deles elementos e formas que nunca existiram.

Depois de regressado à Irlanda, James Murphy publicou alguns destes desenhos na obra *Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha*, ainda hoje considerada fundamental para o estudo e para a projeção internacional do monumento. Deve-se a este irlandês a divulgação de diversas informações sobre a configuração dos espaços do monumento bem como as respetivas utilizações.

## Descrições únicas do monumento que se tornam conhecidas em toda a Europa

Foi um dos ingleses mais ricos do seu tempo. O aristocrata William Beckford visitou os mosteiros de Alcobaça e da Batalha, em 1794. Na Batalha foi recebido pelos Dominicanos e pernitou no Mosteiro, em junho desse ano. Beckford escreveu, talvez, as melhores descrições que existem sobre o edifício. Deixou os seus apontamentos registados no livro *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha*.

Eis uma das descrições do autor: "Passámos pelo refeitório (...) Atravessando um pátio ajardinado (...) cruzámos uma porta esculpida que dava para um espaço aberto e irregular defronte da soberba fachada ocidental da enorme igreja".

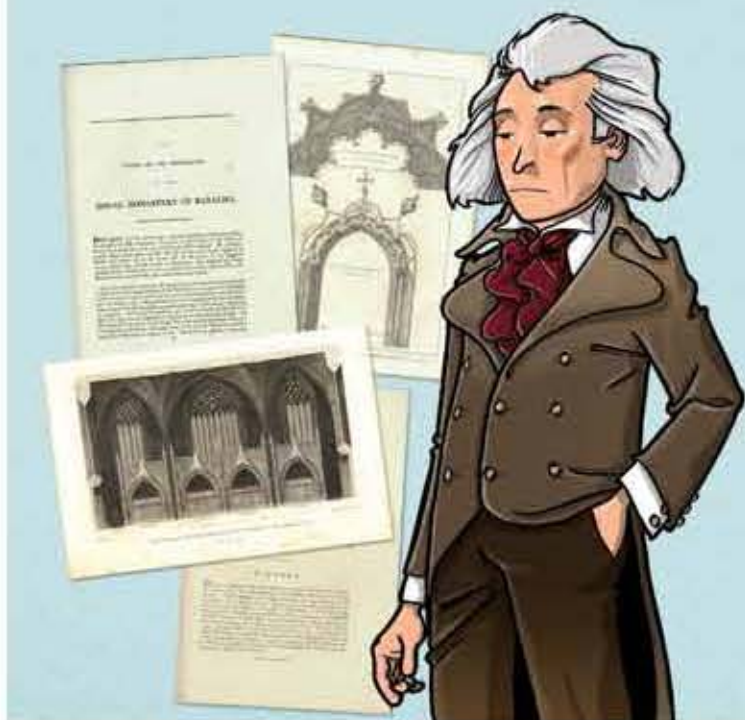
## Julia Pardoe e os impressionantes registos de quem viveu um mosteiro único

Depois das visitas importantes de James Murphy e de William Beckford, o Mosteiro recebeu, no século XIX, outra personagem muito interessante, a quem se devem magníficos registos desta época. Julia Pardoe, originária de Inglaterra, visitou a Batalha em 1827 e descreveu o ambiente e as pessoas que encontrou. Por ser mulher, os frades condicionaram-lhe o acesso e a circulação à totalidade do monumento.

A Julia Pardoe devem-se textos de grande importância histórica e cultural, com referências aos vitrais e aos retábulos então existentes na Igreja e já desaparecidos, mas também ao modo de vida, à organização e à profunda religiosidade dos Dominicanos.

## A extinção das ordens religiosas e o abandono dos monumentos

O Liberalismo e os novos ideais políticos levaram à extinção das ordens religiosas masculinas em Portugal, em 1834. Esta circunstância trouxe consigo o abandono de diversos monumentos de grande importância, em que se inclui o Mosteiro da Batalha que, 79 anos antes, já tinha sofrido danos muito significativos devido ao terramoto de Lisboa. Os edifícios que integravam o Mosteiro passam a ser geridos pelo Estado. A quinta que constituía a propriedade do monumento foi vendida e os anos que se seguiram foram de total abandono. Apenas em 1840, e devido ao estado preocupante de degradação do edifício, o Parlamento autorizou a atribuição de uma verba anual para o seu restauro, em grande parte por iniciativa de D. Fernando II. As primeiras obras de restauro do edifício, que evitaram a sua ruína quase completa, foram realizadas sob a coordenação do engenheiro militar Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque.



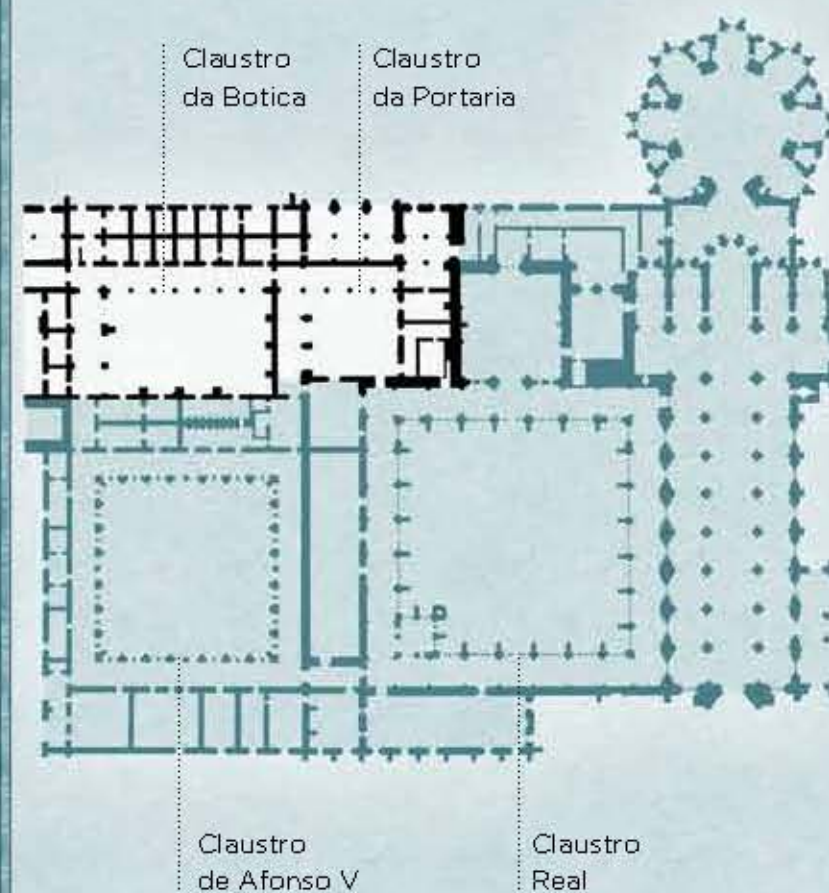


### As invasões francesas e a destruição praticada no monumento

À semelhança do que sucedeu um pouco por todo o país, também o Mosteiro da Batalha sofreu danos e perdas significativas devido à invasão das tropas francesas, que ocorreram com a chamada Guerra Peninsular (devido aos efeitos negativos sentidos em toda a Península Ibérica) e que deixaram um grande rasto de destruição, com marcas ainda hoje visíveis. De 1808 a 1810, o edifício foi repetidamente saqueado, com os túmulos completamente vandalizados, e algumas partes queimadas e destruídas, o que se traduziu no desaparecimento definitivo de documentos antigos, estátuas, altares e abóbadas. Ainda hoje são notórias na sacristia e na Igreja algumas marcas das fogueiras realizadas pelos soldados franceses, comandados pelo General Massena.

### Dois claustros que já não existem

Para além do Claustro Real e do Claustro de Afonso V, o Mosteiro chegou a contar com outros dois claustros, construídos no final do século XVI no local onde hoje se localiza o Largo do Infante D. Henrique. Estes dois claustros abrigavam outras dependências igualmente importantes para a organização dos frades e foram parcialmente destruídos aquando da terceira invasão francesa. Ali encontravam-se instalados a botica (farmácia), o celeiro, a hospedaria, a escola e a enfermaria, entre outros espaços.





## Uma trágica Batalha que anualmente é recordada

Todos os anos, a 9 de abril, o Mosteiro da Batalha recebe as cerimónias que assinalam o aniversário da Batalha de La Lys, que ocorreu na região norte de França, em 1918, e que foi uma das batalhas mais negras e mortíferas de toda a nossa história. Em plena I Guerra Mundial, as tropas portuguesas foram massacradas naquela região da Flandres pelos exércitos alemães, acostumados ao clima e às condições severas daquelas paragens. Em jeito de homenagem aos milhares de soldados portugueses mortos nesta batalha, o Mosteiro recebe anualmente uma grande celebração militar que homenageia o Soldado Desconhecido e todos aqueles que morreram nos campos de batalha.

30



31



### A Sala do Capítulo: espaço de homenagem aos combatentes

A Sala do Capítulo guarda, desde 9 de abril de 1921, os corpos de dois soldados portugueses mortos em combate na Flandres (norte de França) e em África (Moçambique). Os dois combatentes representam todos aqueles que ao serviço de Portugal morreram nos campos de batalha. Por esta razão, o Mosteiro conta, junto dos antigos combatentes e das suas famílias, com um profundo simbolismo de espaço evocativo que honra a memória de todos aqueles que defenderam o país nas diversas guerras. O túmulo do Soldado Desconhecido é alumiado pela "Chama da Pátria", através de um lampadário, contando todos os dias do ano com uma Guarda de Honra pelos militares do Exército. Na parede está exposto o "Cristo das Trincheiras" que na I Guerra Mundial acompanhou as tropas portuguesas nos cenários trágicos de guerra.



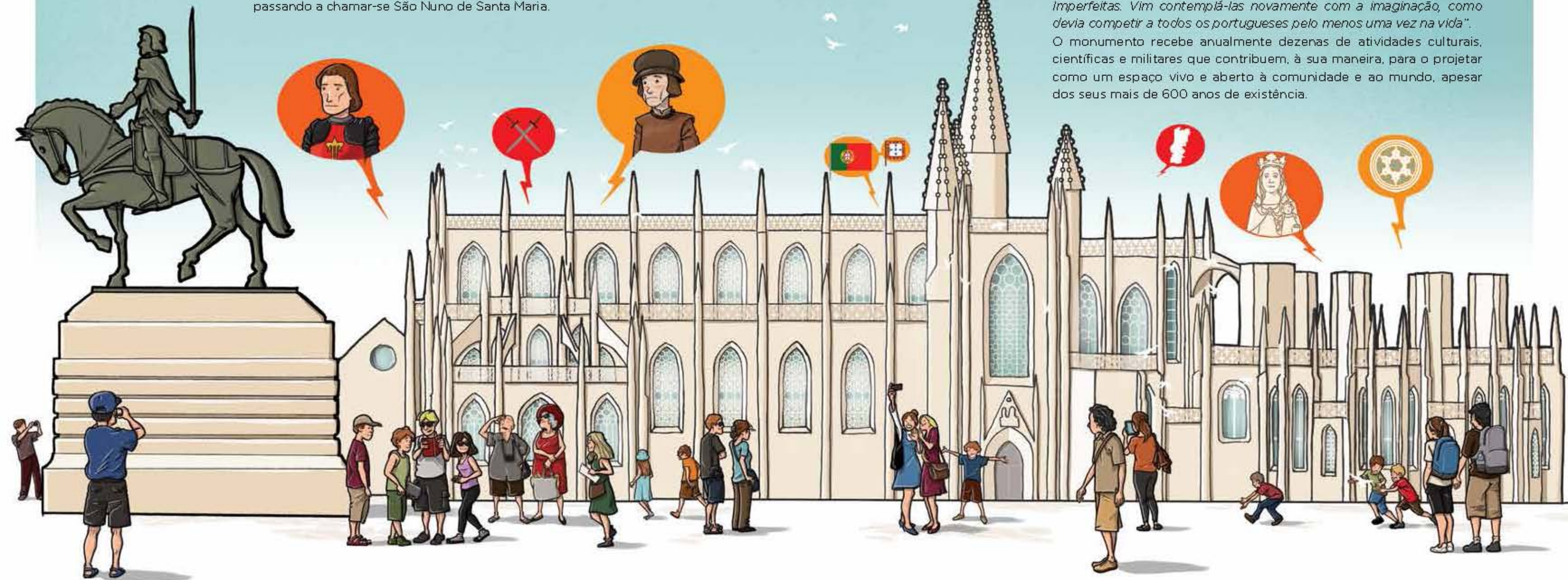


### Uma estátua que homenageia o combatente e o santo

A imponente estátua que representa Nuno Álvares Pereira, o principal estratega da Batalha de Aljubarrota e que empunha na mão direita uma espada, foi concebida originalmente para ser instalada em Lisboa. A escultura foi encomendada pelo Estado Português ao escultor Leopoldo de Almeida, que a produziu em 1961. Sete anos mais tarde, a estátua foi oferecida pela cidade de Lisboa à Batalha devido à reformulação urbanística realizada na vila. D. Nuno Álvares Pereira foi declarado santo pelo Papa Bento XVI, em abril de 2009, passando a chamar-se São Nuno de Santa Maria.

### Um monumento que continua (e continuará) a estimular a criatividade

O Mosteiro da Batalha exerce forte atração sobre a generalidade dos artistas e de investigadores de diversas áreas do conhecimento. A história única deste monumento, a diversidade dos estilos arquitetónicos e as muitas lendas associadas à sua construção contribuem para despertar e estimular sensações criadoras. Do escritor Afonso Lopes Vieira ficou célebre a referência ao Mosteiro como "o monumento em que mais pátria há". Miguel Torga, por sua vez, escreveu no seu Diário "As Capelas Imperfeitas. Vim contemplá-las novamente com a imaginação, como devia competir a todos os portugueses pelo menos uma vez na vida". O monumento recebe anualmente dezenas de atividades culturais, científicas e militares que contribuem, à sua maneira, para o projetar como um espaço vivo e aberto à comunidade e ao mundo, apesar dos seus mais de 600 anos de existência.







O Mosteiro da Batalha reveste-se de particular importância no contexto histórico, patrimonial e cultural do nosso país, atendendo aos múltiplos fatores que ditaram a sua edificação e a importância crescente que assumiu nos anos subsequentes.

A par das diversas inovações que a construção de um edifício como este oferece ao país e a toda a Europa, em plena Idade Média, o Mosteiro da Batalha reúne, durante mais de 100 anos, os melhores artífices e a instalação de materiais nobres e inovadores.

A história do Mosteiro da Batalha é, acima de tudo, uma história de coragem, ditada pela forte crença divina de um Rei a que a genialidade dos Homens deu forma e fez erigir um símbolo maior da independência.

Esta publicação pretende auxiliar os mais novos a compreenderem melhor o monumento, os seus distintos espaços, mas também alguns acontecimentos que influenciaram, a seu modo, a projeção nacional e internacional deste edifício ao longo de seis séculos.

Utilizando linguagem acessível e recorrendo à seleção de aspetos e curiosidades diversas em torno do monumento, "O MOSTEIRO DA BATALHA EXPLICADO AOS MAIS JOVENS - 40 CURIOSIDADES SOBRE O MONUMENTO" pretende contribuir para a aproximação dos jovens à História e ao Património únicos do nosso país.

Alto-patrocínio:



Com o apoio de:

